

CRASE

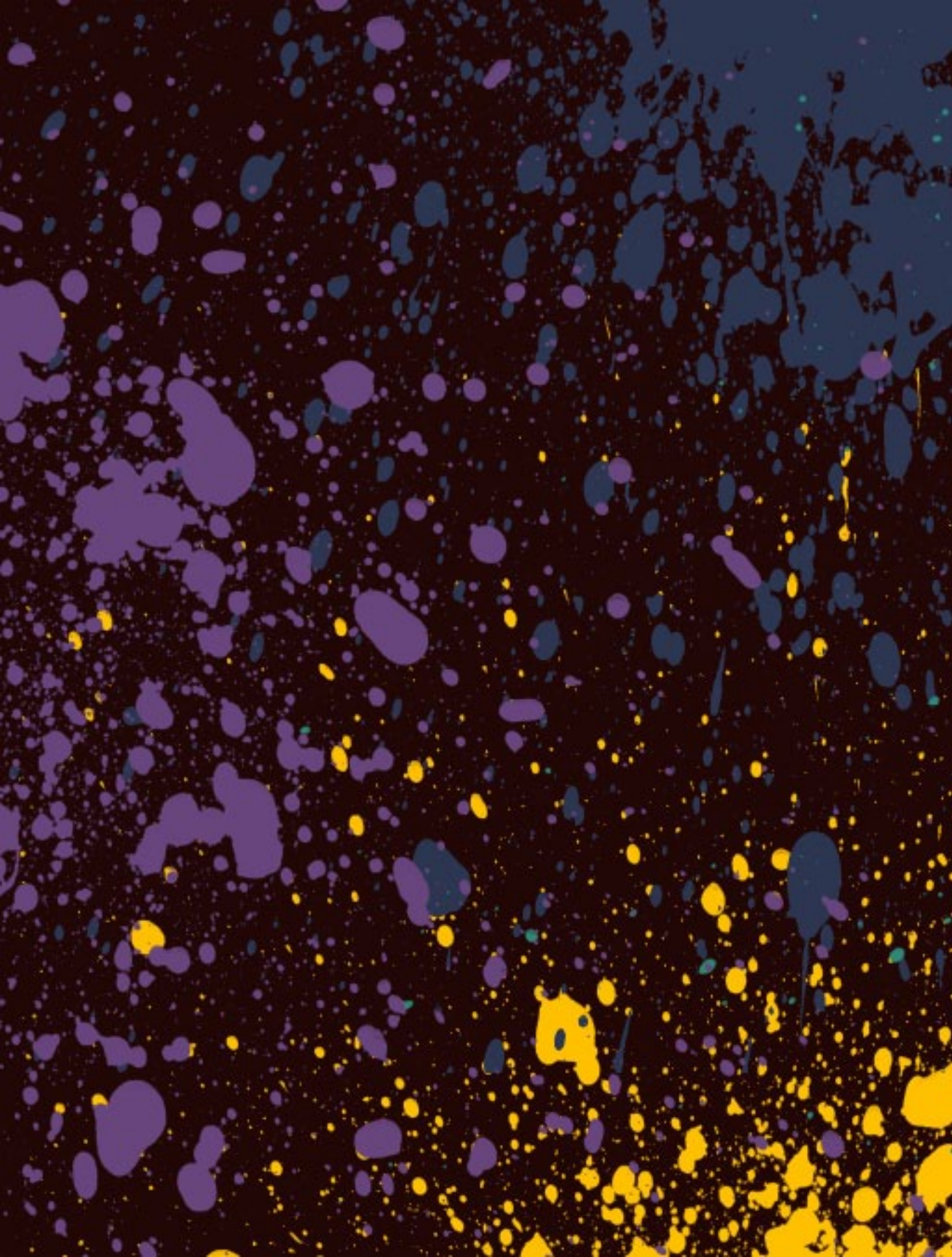
#17
Dezembro - 2011

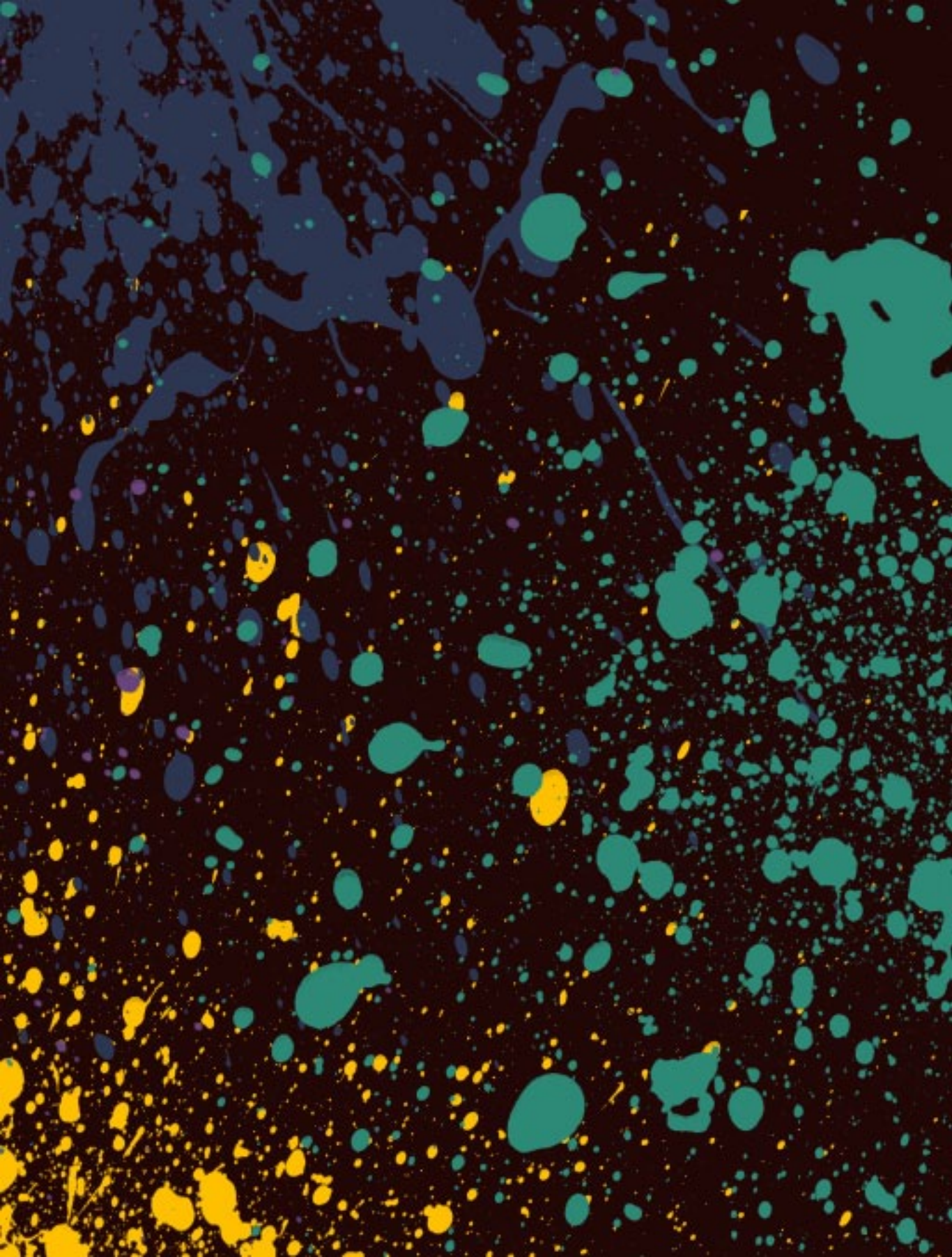
Ano 2 - 17ª Edição - Dezembro - 2011

DO BRASIL PARA O MUNDO

*Wendy K e o primeiro
filho do amor pela
música.*







índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **Vida, Poesia e Utopia**

Poesia, política e utopia em Carlos Lima.

p. 16 **O ELEFANTE BRANCO**

Um monumento ao descaso com as artes.

p. 20 **Moda e Sustentabilidade**

De que forma a moda consciente é possível?

p. 24 DO BRASIL PARA O MUNDO

O drama e a paixão dos integrantes da Wendy K pela música.

p. 36 O Bom do Mal

O vlogger Molusco fala sobre a democratização da internet.

p. 42 **Política é uma M#\$*@!**

Um desabafo de um crítico.

p. 46 **CRASE** André Zilar

CONVIDA

O músico e redator fala sobre sonhos e planejamento.

REVISTA
CRASE

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza
Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Amanda Guerra, Bruno Buhr,
Cadu Senra, Clarissa Affonseca,
Leandro Bertholini, Patricia Teles, Vinícius Baião
Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani

FOTOGRAFIA

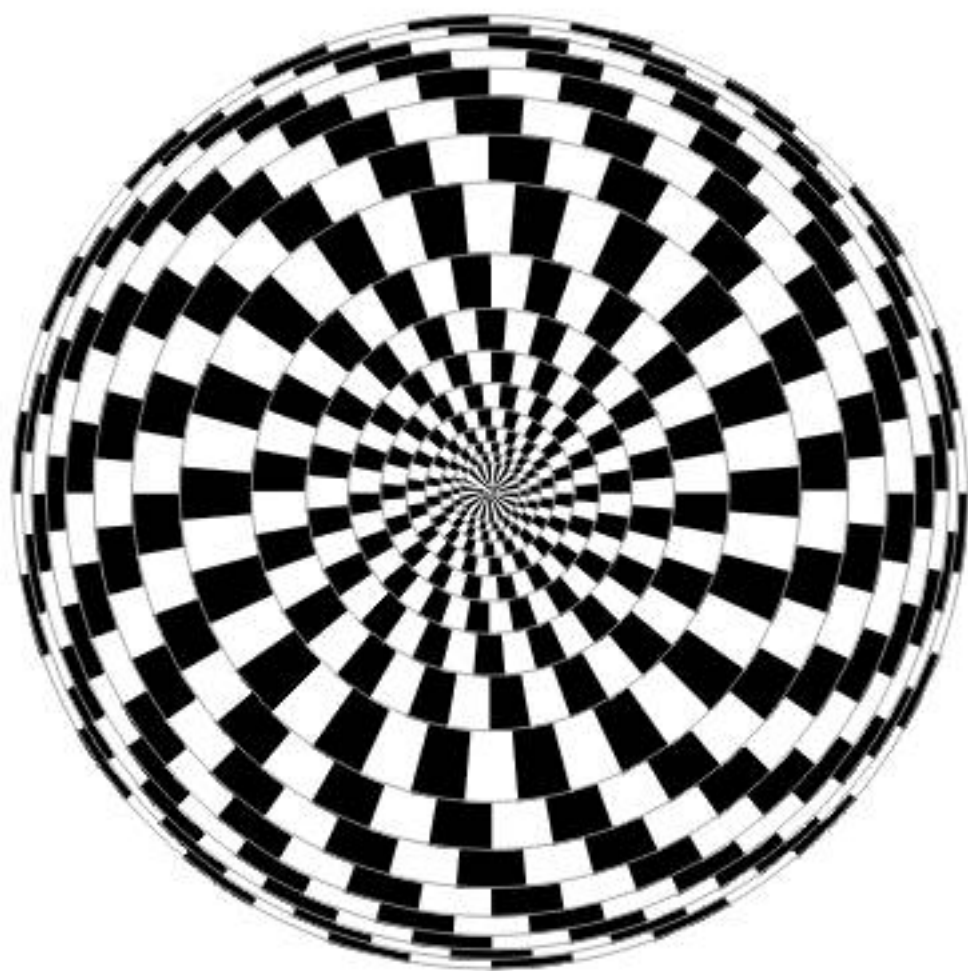
Fotógrafos: Caio Pagin, Diego Val,
James Donahue

INTERNET

Programador: Dans Souza

CAPA

Fotógrafo: Gabriel Garcia



Editorial

Se tem algo que aprendi desde que entrei para o ramo jornalístico, é que raramente algo corre como o planejado – reconheço a universalidade do conceito, mas limitarei a ótica. Como de costume, minhas ideias são postas em papéis, arquivos do computador, um bloco de notas velho e, às vezes, até mesmo na parede do quarto, com giz de cera. No entanto, por mais detalhadas que estas anotações sejam, já aceitei o fato de que no final acabo tendo que me adaptar a diferentes circunstâncias, e aí só a criatividade salva. Usei-me como exemplo, talvez para alimentar o monstro de olhos verdes que é o meu ego, mas este é um exercício feito por todos os integrantes da Crase, mensalmente e com tesão inesgotável.

Quando normalmente apenas detalhes miúdos são modificados em cada edição, desta vez até a matéria de capa foi mudada nos 40 do segundo tempo. Além disso, este será o segundo mês consecutivo em que o editorial de música é capa, algo que normalmente evitamos fazer. O fenômeno se deu após decidirmos que a história da banda Wendy. K não poderia ser contada nos poucos caracteres oferecidos por uma

matéria secundária, por ser longa e, principalmente, interessantíssima.

No entanto, não é só de capa que se faz uma revista. Trazemos também mais um capítulo da luta de uma minoria brasileira em prol de melhorias culturais e, como é frustrante ver que os eleitos representantes do povo não dão a devida atenção, como é o caso da Cidade das Artes; monumento que demonstra o pouco caso para com a veia artística do brasileiro. E por falar nesta terra maravilhosa, Molusco – criador do canal Moluscontos – nos fala sobre as possibilidades virtualmente infinitas criadas pela democratização da internet.

Neste mês também damos as boas vindas à mais nova integrante da família Crase. A publicitária e fashionista Débora Pinheiro adentrou as paredes da nossa redação, debutando no maior estilo craseano e criando polêmica comentando sobre a viabilidade da moda sustentável.

Espero que gostem tanto desta edição como gostamos de produzi-la. Um beijo do turco!

Rafael Farah

A black and white portrait of Carlos Lima, a man with a full beard and long, wavy hair, looking slightly to the left. He is wearing a light-colored shirt. The background is a textured, light-colored wall with some faint markings.

Vida, Poesia e Utopia

A poesia utópica de Carlos Lima.

Se, realmente, viver significa fazer de sua própria vida uma extensão de suas paixões, é inegável que Carlos Lima muito viveu e assim continua a fazer. Professor de Cultura Brasileira no departamento de Letras da Universidade Estadual do Rio Janeiro por quase trinta anos, Luis Carlos - como é conhecido por seus alunos - sempre vislumbrou a utopia como possibilidade de realidade e, tratou de acalentar seus sonhos respirando poesia e política.

Ex-militante do Partido Comunista, ex-exilado político e consagrado poeta da chamada Geração de 70, Carlos

Lima publicou recentemente Phosphoros, pela Editora Comunicarte. No livro, pode-se perceber o quanto a poesia e o engajamento político são valores fundamentais em seu dia a dia, não sendo possível dissociá-los - muito além do poeta - do homem. Assim, soa mais que natural que estes aspectos se fundam na composição de suas obras.

“...Carlos Lima ministra também oficinas de poesia com seus alunos na UERJ.”

Assim aconteceu com seu mais celebrado livro, Anatomia da Melan-

colia, premiado em 1982 pela APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), e acontece agora também com Phosphoros. No poema intitulado Poema Esquerdo, Carlos confessa com orgulho, firmeza e nostalgia suas posições: “o que era e sou não nego poeta e comunista / a vida não foi outubro / mas de outras cores não me cubro.”

Para Lima, ser comunista vai além de sistemas de governo e dogmatismos ideológicos, ser comunista é manter viva a esperança no homem, é considerar a utopia como saída viável para nossos conturbados dias, pois

se “o poder põe ovos de serpente em todos os sonhos”, “sabemos que a utopia é a placenta do futuro / e o socialismo o sonho num tempo turvo”. Para o poeta, ser comunista passa também pela generosidade. Não há como pensar no coletivo, no bem comum, sem se aprofundar no tato humano. Poeta generoso, apenas sete dos quarenta e cinco poemas presentes em Phosphoros, não possuem dedicatórias.

Além das aulas curriculares, Carlos Lima ministra também oficinas de poesia com seus alunos na UERJ. A oficina é gratuita e apenas para inte-



ressados, não havendo obrigatoriedade em participação e nem conteúdo fixo. Os encontros, muitas vezes em bares, regados a cerveja, são oportunidades de novos poetas se familiarizarem com autores e obras, diversas vezes, esquecidas pelo cânone. Por sua oficina, já passaram importan-

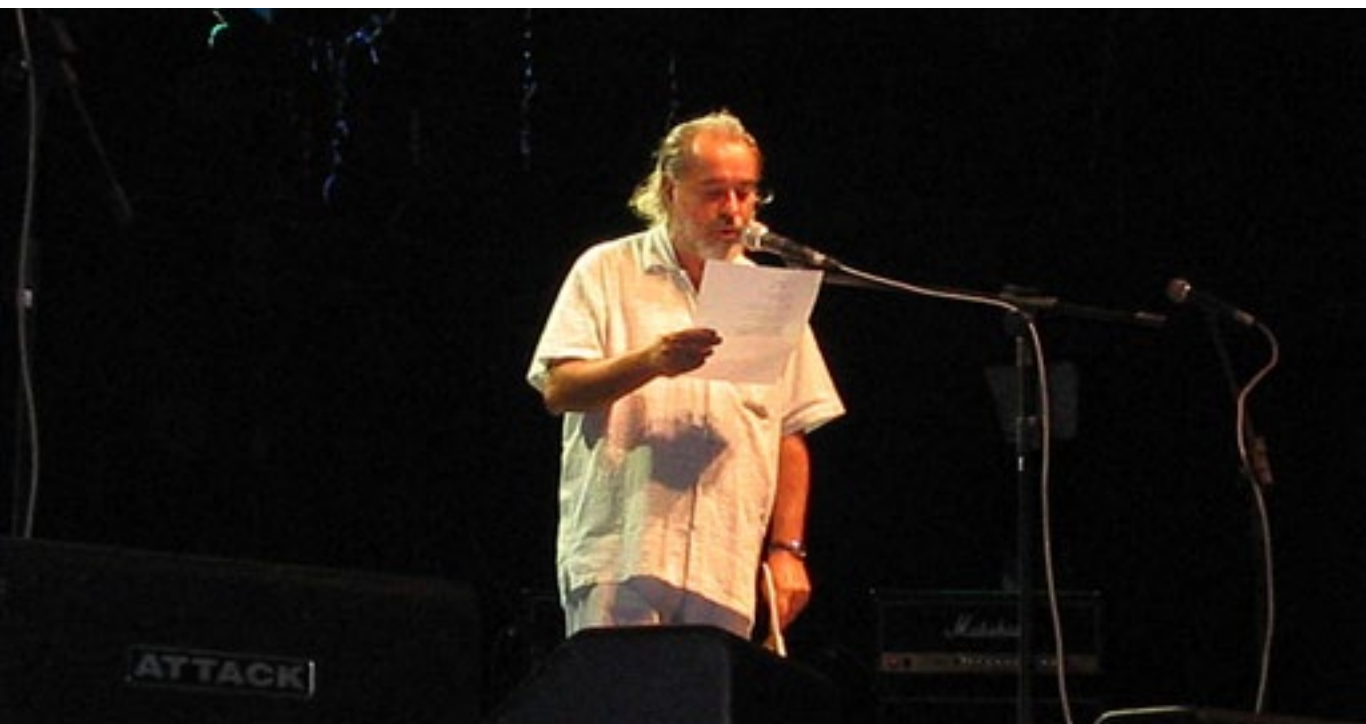
tes nomes da poesia contemporânea como Thiago Ponce de Moraes, Beatriz Bajo, Leonardo Martinelli (falecido em 2008), entre outros.

A leitura de Phosphoros revela um poeta maduro, consciente de seu papel no mundo e saudosos dos tempos em que

lhe era permitido sonhar. No prefácio, escrito por Nelson Rodrigues Filho, tais aspectos são enunciados: “A poesia de Carlos Lima incorpora as experiências, as frustrações e as utopias de sua (nossa) geração, acreditando que o sonho e a luta têm sempre um encontro marcado na linguagem da palavra insatisfeita.”

F o r t e m e n t e influenciado pela estética

surrealista, os numerosos adjetivos empregados por Carlos Lima mais que caracterizar, impregnam às palavras, em belíssimos jogos rítmicos, novos efeitos de sentido, que visam alertar o leitor de que a vida sempre pede mais que a trivialidade cotidiana e que é preciso não se acomodar “na noite cega deste país”, pois uma coisa é certa: “se houver rosas, um dia, haverá revolução.” ■



ANUNCIE AQUI

Não gasta tinta nem papel.

contato@revistacrase.com.br



O

ELEFANTE BRANCO

por Patrícia Teles

O complexo cultural Cidade das Artes, antiga Cidade da Música, está prestes a completar uma década de obras inacabadas. Um dos maiores investimentos da Prefeitura do Rio destinado à Cultura, já custou

mais de 500 milhões aos cofres públicos e até hoje permanece como uma promessa de florescimento artístico para cidade do Rio de Janeiro.

A obra foi iniciada em 2002 no mandato do ex-prefeito César Maia, que apesar de não ter concluído seu projeto, realizou uma tímida e simbólica cerimônia de inauguração em 26 de dezembro de 2008. Três anos se passaram, o atual prefeito Eduardo Paes assumiu o cargo e, até hoje quem passa pelo cruzamento da Av. das Américas com a Av. Ayrton Senna encontra um complexo cultural colossal, brutalmente inacabado.

“...devido à falta de capacidade administrativa...”

Projetado pelo arquiteto francês Christian de Portzamparc e, destinado a ser a nova sede da Orquestra Sinfônica Brasileira, a Cidade das Artes contém a Grande Sala de concerto com 1.800 lugares, além de três salas de cinema, um restaurante, quatro cafés, uma sala de exposição, uma sala de eletroacústica e salas destinadas a aulas e ensaios. Um verdadeiro enxerto de cultura para a crescente



população da Zona Oeste, que anda carente de opções culturais. Seriam beneficiados moradores do Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande, Vargem Pequena, Grumari, Itanhangá, entre outras regiões que não possuem espaços de cultura. Entretanto, devido à falta de capacidade administrativa e o desinteresse da Prefeitura, a Cidade das Artes per-

manece esquecida em meio às obras Olímpicas.

A Barra da Tijuca é palco de grandes eventos da música, porém, o bairro carece de espaços e eventos destinados às artes cênicas e plásticas. Exceto pela recente passagem do Théâtre Du Soleil, uma das mais importantes companhias do mundo, que se apresentou pela primeira vez no RJ em



Cidade das Artes Barra da Tijuca - RJ

uma estrutura montada no HSBC Arena, a Barra continua com escassez de espetáculos de qualidade.

Não há espaços públicos e são poucas as opções de teatro privado. O mais notório é o Teatro dos Grandes Atores, localizado no Shopping Barra Square. O Teatro recebe montagens voltadas para comédia, peças que em geral são estreladas por

personalidades de programas de humor e cujos ingressos não são exatamente acessíveis. Os moradores da região que buscam por preços populares e atrações artísticas de qualidade devem se deslocar para o Centro ou Zona Sul da cidade, enquanto esperam pela “verdadeira obra-prima da poesia”, mais conhecido como o elefante branco dos cariocas. ■



100% BIO

MODA e SUSTENTABILIDADE

De que forma a moda consciente é possível?

por Débora Pinheiro

Falar de sustentabilidade já não é novidade, mas a questão é: será possível realmente viver a moda de forma sustentável? É verdade que o público de moda

se torna cada vez mais exigente quanto à procedência dos produtos; fabricantes e designers também têm se preocupado muito em popularizar esse conceito, mas em

uma sociedade que valoriza a estética acima do conteúdo, é muito difícil enxergar acesso a essa tal moda sustentável.

A designer Stella McCartney, muito conhecida por manter suas coleções eco friendly, tem sido uma das responsáveis pela popularização do conceito em meio aos fashionistas. Stella criou recentemente uma linha de óculos de sol a partir de material biodegradável. Este material é feito de óleo de sementes de mamona, um recurso natural e renovável que ajuda a limitar o uso do petróleo. A coleção de óculos terá um ar retrô e deve ser lançada em

meados de 2012. Já aqui no Brasil Alexandre Herchovich lançou algumas peças de uma de suas últimas coleções masculinas, feitas de tecido EcoSimple. Esse tipo de tecido é produzido com técnicas de upcycling, que nada mais é do que o reaproveitamento ou a reciclagem de materiais em fim de vida útil, transformando-os em algo novo, uma boa ideia para fugir da monotonia dos algodões orgânicos. Nos dois casos as peças de roupa e os acessórios são considerados tanto fashion forward quanto sustentáveis, resta saber até que ponto são acessíveis. Por que o ponto fraco que se observa a respeito da moda eco-

lógica é a inacessibilidade da grande massa a produtos que sejam financeiramente viáveis, fáceis de se encontrar e que caiam bem no corpo. Complicado, não?

Porém, quando os recursos acabam, a criatividade entra em vigor e o que se tornou comum - muito possível a quem pretende viver a moda de forma consciente - é manter um armário inteligente reaproveitando, customizando e trazendo uma nova utilidade a peças que já estão presentes no guarda roupas hoje. É chique ter um guarda roupas enxuto e mais do que isso, requer muito conhecimento pessoal.

Quando a quantidade de peças no seu armário é limitada, você aprende a usufruir melhor o que já tem e, sem dúvida, passará a ser mais criativo em suas produções também.

Se para estar na moda e ser sustentável você precise ter menos roupas e acessórios, é hora de aprender a escolher peças de qualidade. A eterna Coco Chanel uma vez disse: “sou contra a moda que não dure. É o meu lado masculino. Não consigo imaginar que se jogue uma roupa fora, só porque é primavera, essa atitude denota muito dinheiro, mas pouco estilo”, sábias palavras de uma das



designers mais inovadoras que o mundo já viu.

Talvez uma forma de se pensar em moda e sustentabilidade, seja pensar em moda e estilo pessoal. Aprender a usar

o que você já tem requer muito mais criatividade e conhecimento dos caminhos das tendências do que parece. Fica o desafio de viver uma estética mais pessoal e - consequentemente - sustentável. ■



DO BRASIL PARA O MUNDO

por Cadu Senra



Tudo começa com um sonho. Este é o motor que impulsiona a banda carioca Wendy K, fazendo com que eles desconheçam as muitas barreiras existentes no caminho para alcançar o merecido reconhecimento. Nem que para isso eles fossem obrigados a mudar de cenário completamente. E foi o que aconteceu. Em uma noite animada, com direito a sinuca e uma pequena visita à coleção de Long Plays de vinil de Tomaz Lenz, guitarrista e vocalista da banda, a Crase ficou por dentro dos detalhes desta história, digna de um roteiro hollywoodiano.

O Primeiro Degrau em Direção ao Sonho

Idealizado em 1999, o Power Trio da Barra da Tijuca apresenta um rock muito moderno, com fortes raízes no punk e a atitude faça você mesmo, e no rock alternativo dos anos 90. Em absoluto, a originalidade presente no som dispensa apresentações, pois além das melodias trabalhadas e as letras cheias de vivência bem únicas, o timbre da voz de Tomaz é daqueles que ao se ouvir pela primeira vez deixam sua marca registrada para sempre em qualquer ouvido.



Todas as composições do grupo são na língua Inglesa, algo que segundo Lenz, surgiu naturalmente pela afinidade existente com a língua e pela universalidade contida na música do Wendy K. E foi justamente por essa universalidade que, por um acaso

muito feliz, a banda começou a trilhar seu caminho em busca do primeiro CD. Entre shows pelo Rio de Janeiro e EPs lançados, o produtor austríaco Frederick Fuessel, que estava no Brasil gravando um curta sobre os diferentes estilos musicais presentes na cidade, ouviu

o som da banda e logo se apaixonou. Decidiu levar os meninos para passar uma temporada na Áustria prometendo fornecer mundos e fundos para que a banda entrasse no cenário artístico austríaco.

Choque de Realidade e Superação

No entanto, como já dizia o saber popular “quando a esmola é grande todo santo desconfia”, após abandonarem o país e aterrissarem em solo Austríaco, logo tiveram a primeira surpresa negativa; aparentemente, a casa prometida tinha apenas um cômodo (para os três) e, outro detalhe era que

eles precisavam pagar pelo aluguel. Isso já foi suficiente para a relação entre eles e o produtor azedasse um pouco, mas já que estavam lá, decidiram seguir em frente. Após algum preconceito por serem estrangeiros e não falarem um pingão de Alemão, o som da banda desarmou os mais desconfiados, abrindo as portas de algumas das casas de show mais importantes de Viena, cidade onde o grupo ficou radicado na primeira fase da viagem. A mais importante delas, segundo o baixista da banda, Aureo Gandur, foi a U4 Discotheque, casa que já abrigou shows do Nirvana, Prince e outros ícones da música.



Tudo ia bem a não ser pela relação dos cariocas com o produtor, que após muito desgaste e do desleixo demonstrado por Frederick, ficava cada vez mais insustentável. Para piorar, o grupo já estava em solos austríacos há quase três meses, tempo limite de visto para qualquer estrangeiro permanecer no país. Após

descobrirem uma forma de renovar sua permanência por mais tempo, colocaram o plano em ação. Tratava-se de uma breve visita ao país mais próximo e não pertencente à União Européia, o que lhes rendeu uma breve refeição no Mc Donald's da Suíça, para em seguida retornar à Áustria com mais três meses.



A Era do “Falso Milionário”

Foi neste ponto em que o jogo começou a virar. Como que querendo se livrar de suas responsabilidades com a banda, Frederick – descrito pela banda não como um vilão, mas como uma espécie de anti-herói - revelou aos músicos que durante um jogo de baseball em que iria, a empresária Andrea Morison estaria presente e, lá, eles teriam a chance de trocar ideias com ela e fazê-la se interessar pelo projeto.

O bate papo ocorreu de uma forma muito melhor do que esperavam e, após algumas semanas

sob o agenciamento de Andrea, a Wendy K abandonou definitivamente o seu reduto inicial em Viena – e conseqüentemente o antigo produtor - para morar no terceiro andar da casa da empresária, no interior do país, mas desta vez, livre de aluguel. Agora, os shows não mais se concentravam em Viena e, a banda começou a excursionar todo o território Austríaco, tocando para todos os tipos de público possíveis.

Para melhorar a situação, o momento coincidiu com o aparecimento do primeiro patrocinador da banda, um inventor bilionário que ouviu o som e decidiu financiá-los.

Foi o início de uma fase intitulada pela banda de “Falso Milionário”. Isso devido ao fato da situação da banda ter mudado completamente do dia para a noite. Da roupa aos equipamentos, tudo foi providenciado pelo novo investidor. Mas não foi só; além de bancar os custos dos músicos, ele também apresentou o som da Wendy K para Butch Vig, o lendário baterista do Garbage e também produtor do antológico álbum “Nevermind”, do Nirvana. Vig gostou muito da banda e, uma parceria parecia promissora.

14Lies; A gravação

Paralelo a isso, as conversações com a gra-

vadora Crater8Records iam da melhor forma possível. O que ainda preocupava um pouco a banda era que o prazo dos outros três meses estava para vencer, porém, com a ajuda do patrocinador o visto permanente de trabalho estava quase sendo emitido. Entretanto, a fase do “Falso Milionário” estava para acabar. Isso devido a divergências quanto ao futuro da banda entre a empresária e o excêntrico investidor, que após uma discussão, abandonou o projeto de vez. Com isso, a banda se arriscou a fazer a mesma manobra tentada da última vez; foram para Suíça em um pé e voltaram no outro, com mais três meses na bagagem.



Apesar do fim das vacas gordas, Andrea e a banda finalmente acertaram a gravação das músicas com a gravadora. Começava o período de gestação do 14Lies, primeiro álbum do grupo. Como o local onde as gravações aconteceriam ficava longe de

onde estavam residindo, tiveram que se mudar para o próprio estúdio, dormindo e vivendo onde gravariam. Assim, os últimos meses passaram e, apesar de finalizadas as gravações, o processo de pós-produção do disco ia ter que esperar uma próxima viagem.

Espera Final

Embora sem o CD finalizado, o retorno ao Brasil foi muito produtivo para a banda. A amiga de longa data e companheira da banda no movimento cultural “Varandistas”, Maria Gadú, convidou-os para gravar “Maze” em seu DVD, música anteriormente lançada em um EP de 2007. Duas outras músicas da banda também fizeram parte do premiado filme “Teus Olhos Meus”, do cineasta Caio Sóh – que também é Varandista -, ganhador do prêmio de melhor trilha sonora no festival de Los

Angeles (LABRFF). A visibilidade aumentou e, com isso, também a expectativa para o lançamento do álbum, algo que Tomaz e Aureo garantem para Janeiro ou Março que vem. Tudo irá depender de mais uma visita ao gelado país da Europa Central. No entanto, uma pequena prévia do que está por vir já pode ser ouvido no perfil da banda no site Myspace. Até lá aguardemos ansiosos o produto de uma paixão que só pode ser descrita nas palavras de Lenz e Gandur: “eu não sou músico, sou música.” ■



O BOM DO MAL

O mascarado Molusco fala sobre a democratização da internet.

por Rafael Farah





Era uma vez um mundo extenso, porém limitado. Um mundo de gênios. Artistas, cientistas, professores, pesquisadores e muitos outros “istas” e “ores”. Um lugar repleto de possibilidades, mas com poucas ferramentas. Então, como num piscar de olhos fomos presenteados com a magnífica – porém complexa – internet. Em alguns poucos

anos, portas se abriram, sonhos – que estavam tão distantes – e vidas profissionais anteriormente inviáveis, tornaram-se tão tangíveis quanto café da manhã. Abrindo barreiras, a internet moldou conceitos novos e reestruturou outros muitos, trazendo oportunidades de emprego – e entretenimento, claro – nunca antes imagináveis. Mas não sem o seu pedágio.



A internet democratizou o que antes era puramente domínio dos grandes veículos da mídia; o acesso a informações. Sem contar que possibilitou a criação de áreas profissionais inteiramente novas, como vlogs e blogs. Prova disso é Ulisses Oliveira, o Molusco, criador do Moluscontos, ideia que, de acordo com o autor, veio de sua situação profissional na época: “estava muito estressado com problemas que me afastaram do processo criativo. Daí desopilei criando o canal no Youtube”. Apesar de ter um conteúdo visto por muitos como polêmico – estigmatizado pela falta de informação -, o vlog faz incrí-

vel sucesso na web por ser franco, inteligente e divertido, o que rendeu ao seu criador um convite para ser roteirista de uma grande produtora.

A ligação entre o sucesso do seu vlog e a propagação da internet como meio de vida não se perde no “ex-publicitário”. Consciente das oportunidades geradas pela mesma, comenta que “essa ligação é muito adequada nesse momento em que vivemos, esse boom de vloggers, essa liberdade que se encontra nestes canais. A web te coloca como uma pessoa ativa e pré-disposta, você decide quando ver um Moluscontos. Isso é muito

bom, a TV não faz isso, você tem que se adequar a uma programação”. Esta independência permite a Ulisses empregar maneiras diferentes de fazer o espectador pensar, como em um de seus vídeos intitulado “Aventureiros”, onde ele diz “A Paz reinou até a chegada da Ordem”, ou o fato de seus personagens não serem caricatos, como normalmente são apresentados usuários da *cannabis*, “são pessoas normais, com vidas normais e responsabilidades”, explica o roteirista.

Toda essa liberdade, no entanto, não é formada apenas por flores. Ao mesmo tempo em que milhares de portas

novas são abertas para os usuários, a crescente dependência da ferramenta torna-se um caso preocupante, visto por alguns como um câncer. “Acho que se ela [internet] parar de existir amanhã, uma galera se mataria de depressão e outros muitos virariam *serial killers*. A web é o mundo particular da pessoa, aqui se faz de tudo. Qualquer um tem mais amigos na net do que na vida real. Temos apenas que aprender a nos relacionar naturalmente com ela”, afirma Molusco.

Que ela veio para ficar, disto não existem dúvidas, mas a *world wide web* ainda se encontra na adolescência, com muito



espaço para crescer e amadurecer. Resta saber se continuaremos neste caminho ou se os muitos conservadores e caretas finalmente conseguirão moderar e censurar a última ferramenta verdadeiramente livre da nossa sociedade. Para o vlogger, “a tendência é o mundo melhorar com a

geração Y. Cabeças abrirão, paradigmas cairão, é a ordem das coisas. Seremos mais críticos com o aumento da acessibilidade à web. Pena que nosso país é tão mal administrado. Se estes cretinados dos políticos roubassem menos, poderíamos acelerar esse processo e melhorar o Brasil”. ■

Política é uma M#\$*@!

Um desabafo de um crítico.

por Bruno Buhr

Ter senso crítico, quando o tema é política, muitas vezes significa transformar-se em um velho turrão, reclamando da política nacional sem enxergar os pontos positivos deste país maravilhoso que é o Brasil. Das entranhas de uma alma ranzinza, o dito popular vem bem a calhar: ignorância é uma benção.

O Brasil possui pontos positivos sim, que em contrapartida são totalmente obscurecidos pelas tramoias de nossos representantes. Segundo reportagem da revista Veja, no último ano - só no último ano -, foram desviados, roubados, afanados R\$ 85 bilhões! O

que fazer além de preferir reclames ranzinzas e impotentes? Pouca coisa.

Ir às ruas é lindo, protestar com os rostos pintados e cartazes contra a atual situação, clamar por uma reforma política, é bonito mesmo, mas não resolve o problema. Passeatas são formas muito abstratas de protestos. A arma mais poderosa que possuímos ainda é o voto. Assim como protestos, a divulgação de escândalos não surte mais efeitos e, não faltarão escândalos para o ano que vem, essa é uma certeza.

Lobistas de todas as áreas empresariais definem os rumos deste

país de maneira mais concreta que a própria presidente, decidem os ministros mais adequados à representação de seus interesses, assim como definem os projetos de lei que serão votados. Estas questões são tratadas e negociadas de maneira bem rudimentar; por meio de escambo. Seria possível apontar um lobista do povo para exercer pressões que garantam a representação efetiva dos interesses coletivos? Possivelmente não.

D e p o i s d a mudança de presidente, o governo só começa quando são distribuídos cargos, ministérios e comissões requeridos

pela oposição, afim de assegurar a votação dos projetos de lei de iniciativa do chefe do executivo. Depois de anos sofrendo nas mãos da ditadura militar, que suprimiu institucionalmente direitos e garantias fundamentais, conseguimos retomar a democracia nesse país.

 Todavia uma pergunta lateja de forma perturbadora e incansável: à troco de que lutamos tanto para o reestabelecimento da democracia? Para que possamos eleger políticos corruptos, raposas astutas, capazes de lesar uma nação em proveito da dilatação de seus próprios bolsos, da hipertrofia do patrimônio particular?



É fato que o assunto acaba por se tornar repetitivo, mediante a profusão de escândalos ligados à corrupção. Indubitavelmente seria mais prazeroso ter a certeza de que este é um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza, mas quando o assunto é política, é melhor proteger-se do frio glacial que açoita nosso povo.

Portanto, àqueles que consideram queixas políticas apenas um eterno praguejar de rabugentos que não dão valor ao seu país, é porque vivem em um mundo encantado de perfeição e magia, flutuando entre fadas e duendes. Enquanto bilhões se esvaem dos cofres públicos no mundo real, Papai Noel aguarda ansioso suas cartinhas no país das maravilhas! ■



Redator, roqueiro e viciado desde os 8 anos a imaginar de tudo um pouco. Escreve sem dó ou preciosismo. Avesso às milhares de teorias criadas acerca da mitologia da escrita, já foi diagnosticado como sarcástico, maluco e criativo, nessa ordem.

Prostituição de sonhos

Travesseiros a postos, cama convidativa e lá se vão milhares de pessoas exercer durante o sono a habilidade de sonhar. Esqueça aqueles sonhos que têm mil interpretações, mais imediatos; falemos dos mil sonhos que são de fato nossas vontades e ambições para quando já estamos perambulando longe da cama.

Costumo falar que sonhar é desenhar a planta baixa de um futuro. E que a grande dificuldade — e o tesão — da vida é tira-lo à força de dentro do travesseiro. Quanto maior o sonho, mais apertado e firme ele se encontra. E aí *dá-lhe* aquela força de vontade hercúlea para traze-lo à vida, como um filho etéreo, sem tempo exato de gestação.

Um de meus sonhos era viver daquilo que gosto de fazer. Um sonho moderno, *total flex*, pois eu poderia realizá-lo ao viver de um dos meus três ou quatro hobbies secretos. Mesmo assim, ele teve de sobreviver aos cinco anos da faculdade de Direito, um lugar governado pelo preto e branco. Mas parece que teve uma ajuda quando depois zarpou para uma carreira mais “sonhável”: a publicidade.

Assim consegui realizar esse tal sonho. Comecei a ganhar a vida escrevendo. Redator! Opa, é isso aí! Venci! *(Sobe o volume dos violinos e créditos)*

Certo?

Não.

Caro leitor, se há um problema nos sonhos é que eles são ignorantes. Nada sabem a respeito de contas de luz, aluguéis ou impostos. São como crianças de outro planeta. E é aí que a coisa começa a ficar estranha.

No mundo real — onde travesseiros são apenas travesseiros — sempre há um “veja bem”. Sendo parte do mundo da publicidade, comecei a ver que, devagarzinho, na malandragem, o mundo real encontrou o meu sonho. Seja pessoa ou sonho, não importa, o cifrão vai mastigar você.

“—Que ética o que, filho. O negócio aqui é vender. Você quer ou não quer sair do aluguel?”

“—Você só pode estar brincando. Você acha que veio aqui pra quê? Para escrever poesias e romances? Escreve aí e não me enche o saco.”

E assim, de viver fazendo algo que eu gosto, fui para viver fazendo algo (e é só isso mesmo).

Quando fui olhar, meu sonho estava vestido para matar, fazendo o que quisessem dele em troca de dinheiro. Sonho-prostituta, sabe? *Ai, Datena, eu me pergunto também. Onde foi que eu errei? Ele tinha um futuro tão brilhante...*

Isso aconteceu com o meu sonho. Hoje em dia vivemos em terapia. Reabilitação. Um passo de cada vez. É difícil, mas creio que ainda podemos salvar o relacionamento. Ainda acredito que dá para viver fazendo algo que gostamos de fazer.

Então, caro sonhador profissional, pense bem na hora de trazer um sonho à realidade desse mundo cruel. Faça como a Madona, que criou seus filhos sem ver televisão. Deixe seus sonhos longe dos seus pesadelos financeiros. Caso contrário, com a melhor das intenções, quando as coisas apertarem, seu sonho vai disparar: “eu sei que você não imaginou isso, mas temos que pagar as contas, não é? Fica tranquilo. Vai ser só dessa vez. Eu juro!”

André Zilar

CRASE